

O GRANDE SERTÃO E A LITERATURA E O SUBDESENVOLVIMENTO

Jaqueline Koehler*

jaquelinekoehler@gmail.com

RESUMO: Este artigo analisa o romance *Grande sertão: veredas* a partir da leitura do texto “Literatura e Subdesenvolvimento” de Antonio Candido. Procurando repensar o romance roseano como um retrato do país, porém sem a presença de uma visão historicamente presente nas literaturas latinas, da natureza como elemento romântico, mas com uma “cor local” que tem como função trazer um olhar crítico a respeito da realidade do país. Um exemplo discutido é o de Riobaldo, que ascende socialmente através da educação e, com isso, reflete em toda sua narrativa a respeito da condição social brasileira.

Em *Literatura e subdesenvolvimento*, Antonio Candido analisa as literaturas da América Latina e sua condição de serem “subdesenvolvidas”. Para isso, o crítico analisa obras e posturas de autores latino-americanos, em consonância com as produções “metropolitanas” e a forma como o pensamento destes autores da América Latina modificou-se com o desenrolar do tempo.

Neste ensaio pretendo analisar as ideias presentes no texto de Candido, relacionando-as com a obra de João Guimarães Rosa (1908-1967), *Grande sertão: veredas*, e de como Rosa pode ser lido como um autor consciente da situação subdesenvolvida do Brasil, não só com vistas ao interior (sertão), mas também ao meio urbano.

Para Candido, que escreve *Literatura e subdesenvolvimento* em 1969, até a década de 1930 existia nos países latinos uma ideia de país novo, que “não pôde se realizar ainda”, porém com grandes possibilidades de conseguir se desenvolver. Depois dos anos 30, de acordo com Candido, há o predomínio de que somos um país subdesenvolvido, que não conseguiu se realizar mesmo tendo tido condições para isso.

Segundo o crítico, primeiramente a literatura apresentava uma espécie de afirmação do nacional, através do exotismo da paisagem que aos poucos se transformava em uma espécie de “justificativa ideológica” da nacionalidade. A paisagem, a natureza se colocavam

*Mestre e doutoranda em Estudos Literários pela UFPr (Universidade Federal do Paraná), professora de Literatura do curso de Letras das Faculdades Santa Cruz.

de maneira romântica “(...) com apoio na hipérbole e na transformação do exotismo em estado de alma.” (p. 141).

Dessa forma, os autores idealizavam a pátria através de suas supostas riquezas naturais, é quase – no caso brasileiro – o predomínio de parte de nossa literatura colonial, escrita por estrangeiros e com uma percepção e olhar europeu. De acordo com Candido:

A idéia de *pátria* se vinculava estreitamente à de *natureza* e em parte extraía dela a sua justificativa. Ambas conduziam a uma literatura que compensava o atraso material e a debilidade das instituições por meio da supervalorização dos aspectos regionais, fazendo do exotismo razão do otimismo social. (p. 141)

A natureza estava vinculada na literatura como elemento ideológico, como outra maneira de perceber a pátria que não necessariamente pelos aspectos sociais, que neste caso poderiam até não aparecer. É uma maneira de encontrar elementos positivos na paisagem, que não poderiam ser encontrados em outras áreas da sociedade. Daí a natureza, a paisagem, preencherem este espaço de maneira predominante e até mesmo romântica, como se verifica na maioria dos autores do nosso Arcadismo e Romantismo.

Quando ocorre a mudança do ponto de vista, e se dá o início da consciência do subdesenvolvimento, o empenho dos intelectuais muda de foco e deixa de ser ingênua e romântica, para adquirir status de denúncia. Os autores deixam de lado a idealização e passam a ver a pátria com olhar mais crítico, encarando a literatura como possibilidade de denúncia social.

É, em parte, o que ocorre com a literatura brasileira, principalmente regionalista, da década de 30 do século XX, em que o homem do interior deixa de se apresentar de maneira pitoresca para adquirir formas mais realistas. Figuram neste período Fabiano, Chico Bento e Guma, entre outros. Com isso, os autores deixam de lado a curiosidade da “cor local” para apresentar uma consciência crítica, que irá se realizar de maneira mais completa nas décadas de 40 e 50, não somente na literatura, mas com os estudos de sociologia, de política e história sobre o Brasil e seus processos de formação, para compreender em o que a pátria se tornou.

Outro problema que Candido aponta para o subdesenvolvimento (literário) da América Latina é o analfabetismo, que é um traço cultural bastante forte e que barra o contato dos autores com o público. Além do fato de que quando há leitores, estes na grande maioria se vinculam a uma literatura mais massificada e não necessariamente erudita.

Conforme Candido, “O analfabetismo e a debilidade cultural não influem apenas nos aspectos exteriores que acabam de ser mencionados¹. Para o crítico é mais interessante a sua atuação na consciência do escritor e na própria natureza da sua produção” (p. 146). Isso torna interessante se pensarmos que os temas e personagens criados nos romances de 30 estavam relacionados com realidades bem específicas de suas regiões, com o objetivo de relatar a pobreza e a injustiça social, porém os maiores interessados e/ou os retratados nessa literatura não tiveram a possibilidade de contato com ela, justamente por se encontrarem na marginalidade de nossa sociedade já tida por estes autores como subdesenvolvida.

Em *Grande sertão: veredas*, Rosa parece trabalhar essa questão, porém seu foco é mais específico, conseguindo tratar desse problema através de personagens inseridas no contexto do analfabetismo. Riobaldo, o narrador-personagem do romance, é um *jagunço letrado*², que passa por duas experiências: a do subdesenvolvido e excluído socialmente, e a do letrado neste universo. Toda a narrativa do *Grande sertão* é permeada por esse discurso, e a experiência de Riobaldo, pelo espaço sertanejo, é filtrada por seu ponto de vista peculiar de letrado no sertão.

Rosa consegue redimensionar a questão do subdesenvolvimento, em que a própria personagem possui consciência desta, e com sua postura consegue se desviar do caminho natural das populações a que pertence. Acaba apresentando requintes de um observador e crítico de seu espaço e condição social como um narrador “urbanizado” aos moldes de um Machado de Assis³. Riobaldo consegue ascender socialmente ao mesmo tempo em que toma consciência das relações políticas e econômicas que constituem o sertão, e que muitas vezes advém de modelos da cidade.

Um exemplo, é quando o seu bando de jagunços encontra o fazendeiro e coronel São Habão, ao observá-lo, Riobaldo chega à seguinte conclusão:

Ele repisava, que o que se podia estender em lavoura, lá, era um desadorno. E espiou para mim, com aqueles olhos baçosos – aí eu entendi a gana dele: que nós, Zé Bebelo, eu, Diadorim, e todos os companheiros, que a gente pudesse dar os braços, para capinar e roçar, e colher, feito jornaleiros dele. Ate enjoiei. Os jagunços destemidos, arriscando a vida, que nós éramos; e aquele São Habão olhava feito o jacaré no juncal: cobiçava a gente para escravos! (p. 431)

Nesse momento, Riobaldo toma consciência das relações econômicas que existem no sertão para o homem pobre. E percebe que os jagunços nada diferem das populações

¹ Alguns países latinos têm o problema de, além de lidar com o analfabetismo, terem de escolher em qual língua escreverão suas obras: Na língua oficial, adquirida da metrópole, ou na nativa.

² De acordo com a definição dada por Walnice Nogueira Galvão.

³ O defensor desse tipo de análise à obra rosiana é o professor Luiz Roncari em seu *O Brasil de Rosa*.

miseráveis que estava acostumado a ver em suas andanças pelo sertão. Não é propriamente um relato dos humildes e excluídos da sociedade como manifesto, mas dá a essas personagens a possibilidade de refletirem sobre sua própria condição (condição de subdesenvolvimento), não as fazendo somente uma espécie de produto de seu meio, mas capazes de pensarem sobre esse ambiente. São Habão não vê o jagunço como um ser forte para a guerra e articulações políticas, mas para o trabalho braçal.

Os autores de 30 e 40 trabalharam com uma ambivalência de foco já que se, por um lado havia a necessidade de se falar dos problemas sociais, por outro era a natureza que ainda tomava lugar de destaque como meio para essa literatura se desenvolver, continuando regionalista:

O fato de sermos países que na maior parte ainda têm problemas de ajustamento e luta com o meio, assim como problemas ligados à diversidade racial, prolongou a preocupação naturalista com os fatores físicos e biológicos. Em tais casos o peso da realidade local produz uma espécie de legitimação da influência retardada, que adquire sentido criador. Por isso, quando na Europa o Naturalismo era uma sobrevivência, entre nós ainda podia ser ingrediente de fórmulas literárias legítimas, como as do romance social dos decênios de 1930 e 1940. (p. 150)

Essa “sobrevivência” permanece até a década de 50 e 60. Rosa incorpora tanto o romance social, quanto perpetua a tradição regionalista, mesmo que sob pontos de vista diferentes e talvez até com uma consciência mais apurada do subdesenvolvimento, apresentando uma postura crítica, sem necessariamente ser engajada, já que se poderia dizer que observa essa condição com maior afastamento que os autores das décadas de 30 e 40.

Candido aponta também o que chama de os “problemas das influências”, que sempre rondam as literaturas colonizadas que parecem depender das literaturas metropolitanas, notadamente das europeias. E alerta para a necessidade de haver uma interdependência cultural, pois as literaturas latino-americanas já apresentavam refinamento literário e estético (os principais exemplos são Mario Vargas Llosa e Julio Cortázar) e de temas condizentes com as tidas literaturas metropolitanas.

Isto não apenas dará aos escritores da América Latina a consciência de sua unidade na diversidade, mas favorecerá obras de teor maduro e original, que serão lentamente assimiladas pelos outros povos, inclusive os metropolitanos e imperialistas. O caminho da reflexão sobre o desenvolvimento conduz, no terreno da cultura, ao da integração transnacional, pois o que era imitação vai cada vez mais virando assimilação recíproca. (p. 155)

Essa visão de Candido condiz com a visão que Rosa tinha em relação às literaturas latino-americanas, europeias e norte-americana, que define através de uma fórmula matemática em entrevista a Günter Lorenz, em 1965, portanto, quatro anos antes da publicação do texto de Candido:

A América Latina tornou-se no terreno literário e artístico, digamos em alemão, **Weltfähig**. O mundo terá de contar. (...). Mas quero pintar um panorama que, no fundo, delinea todos os problemas, intelectuais da atualidade. Olhe, o futuro da Europa e de toda a humanidade é como uma equação com várias incógnitas. A Europa é pequena, mas seus habitantes são ativos e, além disso, têm a seu favor uma grande tradição. E entretanto os europeus não têm qualquer influência sobre essas incógnitas que determinam o futuro do seu continente. O 'x' e o 'y' desta equação decidirão o amanhã, tanto é assim que quase já se pode dizer hoje. A América Latina talvez não seja a incógnita principal, o 'x', mas provavelmente será o 'y', uma incógnita secundária muito importante. Pela matemática, sabe-se que uma equação não se resolve se uma segunda incógnita não for eliminada. Suponhamos agora que a América Latina seja a tal incógnita 'y'. Com isso a Europa está em um ponto culminante para seu futuro. E não estou falando apenas das necessidades e do potencial econômico de meu continente. Você sabe que nós, os latino-americanos, nos sentimos muito ligados à Europa. (...) Estou firmemente convencido, e por isso estou aqui falando com você, de que no ano 2000 a literatura mundial estará orientada para a América Latina; o papel que um dia desempenharam Berlim, Paris, Madrid ou Roma, também Petesburgo ou Viena, será desempenhado pelo Rio, Bahia, Buenos Aires e México. O século do colonialismo terminou definitivamente. A América Latina inicia agora o seu futuro. Acredito que será um futuro muito interessante, e espero que seja um futuro humano.

Rosa percebia o potencial que a literatura latino-americana representava em um contexto maior, já que foi um autor traduzido em inúmeros países e via (principalmente) encontros de escritores Latino-Americanos realizados na década de 60 como um passo para a maior divulgação e interação da literatura produzida na América Latina. Possuía também a consciência de que pertencia a uma cultura e literatura subdesenvolvidas, porém não a via de maneira engajada. Além disso, sua previsão não é de todo errada, se pensarmos que as literaturas marginais começaram a adquirir maior reconhecimento, por exemplo, com o prêmio Nobel de literatura, o sul-africano Coetzee, em 2003.

Rosa parecia perceber o provincianismo das literaturas latina, que muitas vezes se deixou levar pelo exótico como recurso para retratar a condição do homem rural ou de outros tipos de marginalizados⁴, como se pudesse tratar de seus problemas e de suas condições como se fosse, na definição de Candido, “equivalente a mamões e abacaxis” (p. 157). Rosa “quebra” essa visão, já que não tem como objetivo mostrar a “cor local”, mesmo que

⁴ E é a forma que a maior parte da crítica vê a sua obra: Como um retrato exótico do interior do Brasil, porém com um caráter mais alienante.

possamos ver o autor mineiro como pertencente a uma tradição do romance regionalista, pois não se limita a ela e rompe com os estereótipos criados anteriormente, tratando do homem do sertão com requintes de uma literatura de cunho urbano como a de um Machado de Assis⁵.

Nesse diálogo, o autor mineiro parecia perceber que o exotismo poderia ser um caminho, mas somente se conseguisse um diálogo com outras formas de pensar o Brasil. Nesse sentido, Rosa se filia mais a um pitoresco como o apresentado por Mário de Andrade em *Macunaíma*, do que a tentativa de “desvendar o país” como nos autores representantes da literatura extensiva, presentes no *Formação da Literatura Brasileira* de Candido. Isso porque Riobaldo se aproveita do “exótico” que o sertão pode apresentar para envolver seu interlocutor, mas o faz muitas vezes como uma espécie de segundo plano para retratar a condição do jagunço.

É de certa forma para isso que serve os questionamentos em relação à existência ou não do diabo na obra e da possibilidade de se pactuar com ele, o que é crença comum no sertão. O mito do “corpo fechado” sempre esteve associada aos jagunços e sertanistas do interior de Minas e do Nordeste brasileiro de maneira geral.

Acredito que Guimarães Rosa apresenta em seu romance o que Candido afirma ser a fase de consciência do subdesenvolvimento, com a vantagem de ter a chance de observar um primeiro momento dessa consciência e fazer parte de um terceiro momento em que a assimilação dessa condição se apresenta de maneira mais condensada e amadurecida.

Rosa escolhe assunto e tema caro ao à condição do subdesenvolvimento e a articula com uma linguagem elaborada, que transcende a criação linguística estilizada, comum às obras regionalistas, que carregavam na fala do homem interiorano, apresentando-a de maneira caricata. Isso se deve ao fato de *Grande sertão* propor o diálogo de maneira inversa ao usual: Ao invés de o romance apresentar um narrador erudito, o que se tem é um narrador em primeira pessoa que dá as cartas da narrativa para um interlocutor que é um “doutor” da cidade.

Sendo isto, ao dôido, doideiras digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. Assim, é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. do que não sei. Um grande sertão! não sei. Ninguém ainda não sabe. só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção. (p. 116)

⁵ Não podemos esquecer que para Candido é essa literatura que representa de forma mais intensa a literatura brasileira de maneira geral.

O autor mineiro parece propor um diálogo entre as classes, entre o “povo” do sertão e os “doutores” da cidade. Com o diferencial que esse diálogo é dirigido por um representante que provém do povo. Rosa consegue ainda mostrar os problemas advindos da cidade, criando também um diálogo entre o interior e a cidade, e estabelece uma relação irônica entre o narrador e o interlocutor, não mais existindo uma relação de imposição do elemento urbano, representado pelo interlocutor, que é em alguns casos (como o da citação) quase ridicularizado por Riobaldo.

O romance apresenta grande ambivalência entre essas duas instâncias, demonstrando como a cidade faz parte e pode modificar o sertão, o que o difere da maioria dos romances regionalistas anteriores, que viam o problema dos povos periféricos de maneira mais isolada aos problemas urbanos. Já Rosa demonstra como a cidade influencia o sertão e o quanto este pode apresentar de urbano, como quando cita a mudança de nomes de regiões, como o vilarejo Guararavacã do Guaicuí, que com o tempo perde esse nome para se chamar “Caixeirópolis” dada a forte presença de caixeiros-viajantes, que normalmente levam os elementos da cidade para o interior.

Outro exemplo é quando Riobaldo descreve o sertão em uma dinâmica típica da cidade e se mostra consciente de que os processos de transformação e modernização não se operam de maneira simples:

Não me assente o senhor por beócio. Uma coisa é pôr idéias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto se saber – e nenhum se sossega: todos nascendo, crescendo, se casando, querendo colocação de emprego, comida, saúde, riqueza, ser importante, querendo chuvas e negócios bons...De sorte que carece de se escolher: ou a gente se tece viver no safado comum, ou cuida só de religião só. (p. 31)

Essa passagem é uma mostra do pensamento mais aguçado de Riobaldo, em comparação, por exemplo, à visão de Zé Bebelo, idealista e muitas vezes sem fundamento na realidade. Podemos perceber como Rosa, ao conceber sua literatura, tinha plena consciência do quadro que iria retratar, consciente de sua condição de falar de um país subdesenvolvido, porém sem o exotismo e tampouco o tom de protesto.

Grande sertão: veredas pode ser visto como um romance que reflete sobre as condições em que se encontra o Brasil, em meio aos seus processos de formação e nos processos de sua condição subdesenvolvida. O que o romance faz é traçar um retrato das populações mais humildes, porém sem as maquiagens comuns aos autores regionalistas e sem a pretensão de ser manifesto de literatura engajada. Nesse sentido, Rosa se filia a uma tradição

de pensadores e críticos sobre o Brasil, contemporâneos seus, como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Hollanda, Celso Furtado e Antonio Candido.

Grande sertão: vereda demonstra o pensamento reflexivo do autor sobre o Brasil e sua condição de literatura subdesenvolvida na América Latina, tal como Candido aponta em seu ensaio, o que ratifica a concepção de que Rosa, além de autor pertencente à tradição do romance regionalista, também se ocupou da crítica literária e da condição de criação da literatura de seu tempo de forma madura e lúcida.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- BOLLE, Willi. *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 8ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.
- COUTINHO, Eduardo F. *Guimarães Rosa*. 2ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso. Um estudo sobre a ambigüidade no 'Grande Sertão: Veredas'*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- LORENZ, Günter W. *Diálogo com a América Latina. Panorama de uma Literatura do Futuro*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1973.
- RONCARI, Luiz Dagobert. *O Brasil de Rosa*. São Paulo: Unesp, 2005.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- STARLING, Heloisa. *Lembranças do Brasil. Teoria, política, história e ficção em Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Revan, 1999.
- TELES, Gilberto Mendonça. O lu(g)ar dos sertões. In: *O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões*. Organizador Rinaldo de Fernandes; ilustrações T. Gaudenzi. São Paulo: Geração Editorial, 2002, (263-302).
- VASCONCELOS, Sandra Guardini T. Homens provisórios. Coronelismo e jagunçagem em Grande sertão: veredas, *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 1 (2002): 321-333.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na História e na Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.